

O DIA EM QUE APRENDI A LER

Newton Reginato

Procurador de Justiça (aposentado) do MPSP

Escarrapachado na minha poltrona de leitura bisbilhotando as memórias de Êrico Veríssimo no seu “Solo de Clarineta”, resolvi dar um descanso para olhar ao redor e admirar o meu mundo particular, misto de gabinete de trabalho, sala de estudos e biblioteca, que não se formou da noite para o dia e foi sofredora de muitos expurgos com o passar do tempo, dos quais me arrependo amargamente.

Salvo os de casa (esposa e filho), raramente alguém adentra esse meu mundo, e, quando adentra, a pergunta é sempre fatal: *você já leu tudo isso?* Em algumas oportunidades perdi o meu tempo gastando saliva; hoje, sem o menor constrangimento, respondo: *não, nenhum deles, porque os livros não foram feitos para serem lidos.* Ou o assunto morre aí ou sou obrigado a explicar tal afirmação quando instado a fazê-lo, e isso ocorrendo, narro o acontecido.

Foi em 1971 (ou 1972?) quando eu cursava o Colegial. No final do pavimento superior da escola onde eu estudava havia uma sala inacessível ao corpo discente e, creio, ao corpo docente também, e aquela sala aguçava a minha curiosidade. Algumas vezes (duas ou três), sorrateiramente, aproveitando a hora do recreio, tentei adentrá-la, mas não consegui, até que um dia fui bem-sucedido. Silencioso como um “Gino Meneghetti”, subi as escadas, percorri o corredor, girei a maçaneta (do tipo “bola”) e “clic”: a porta se abriu, ... se abriu e dei de cara com Frei Valfrido (Walter Clemens Pille era o seu nome), meu professor de História Geral e Diretor do Colégio, enfiado na sua batina franciscana da Ordem Menor, folhando um

livro, que congelou a minha entrada com o seu olhar metálico, tipicamente germânico, que logo perguntou:

– O que o senhor faz aqui?

– Nada! Curiosidade apenas – respondi.

– Curiosidade? Curiosidade do quê?

– De saber o que tinha nesta sala. Agora sei que é uma biblioteca. Espero ter uma um dia – mal sabia eu que aquela sala era a Biblioteca do Convento, privativa dos freis.

– Espera ter uma um dia? Muito bom! O senhor sabe ler?

– Sim! Claro! – respondi rápido, esboçando um sorriso chocho, sem entender a razão da pergunta.

– Então, já que sabe, mostre para mim.

De imediato ele removeu os óculos, encarou-me, estendeu o livro que tinha nas mãos (um livro com mais de quinhentas páginas pelo que hoje a experiência me diz), negro, finamente encadernado, com o título “Paulus” em letras góticas douradas. Apanhei-o, abri-o, e ... todinho escrito em língua alemã.

– Está escrito em alemão, professor. Não conheço a língua.

– Ah! não conhece a língua? Não sabe ler na língua alemã? O senhor se equivoca! O senhor não sabe ler, apenas, em alemão. O senhor não sabe ler em italiano, em francês, em inglês, em castelhano ou português. O senhor não sabe ler em língua alguma.

Fiquei sem reação. E foi diante da minha visível estagnação que começou a inesquecível aula – de dez minutos – sobre “como ler”.

– Um livro, qualquer livro, desde que dominamos a língua em que ele foi escrito, é um ente que deve ser conhecido, primeiramente, pelos nossos cinco sentidos: visão, tato, olfato, audição e paladar. Afinal, o senhor não namora uma moça se não a conhecer, namora? E se ela não lhe agrada os cinco sentidos,

poucas serão as chances de o senhor namorá-la. Se ela é feia, suarenta, mal cheirosa, com um hálito ruim e voz desafinada, o que o senhor faz? Corre dela, não corre? Com os livros se dá o mesmo: devem ser agradáveis aos olhos e ao tato, devem exalar um cheiro agradável de tinta e papel especiais, devem ser sonoros quando o folhamos com o nosso polegar, e devem ter “gosto de papel” e não outro, porque muitas vezes temos de molhar a ponta do dedo com saliva para virar suas páginas quando muito lisas, finas e grudadas, tais como as da Bíblia, por exemplo.

Comecei a rir.

– O senhor ri? Faça com este livro tudo o que eu lhe falei – passando-me às mãos um outro calhamaço editado na língua portuguesa.

Desancado com a determinação, lá fui eu cumprir o passo a passo dos cinco sentidos para com o “ente encadernado”, reproduzindo, meio sem graça, as minhas impressões.

– Ótimo! O senhor acabou de conhecer fisicamente o livro que tem em mãos. Agora, vamos aprender a conhecê-lo intimamente, afinal: *quem vê cara, não vê coração*. Não é isso o que se diz por aí? Pois bem! O que esse livro tem a lhe dizer? Isso o senhor só ficará sabendo se “entrevistá-lo”, se “conversar” com ele, fazendo-lhe perguntas e dele obtendo as respostas. De começo é necessário saber quem ele é, e o senhor, como pessoa educada, deverá perguntar-lhe o nome (que é o seu “título”) e sobrenome (que é o nome do seu “autor”). Feito isso, o diálogo entre vocês começa. Faça o que eu lhe disse.

Fiz.

– Muito bem! Continuemos. O que o senhor irá perguntar para ele? Como irá perguntar?

Fiquei ...

– É simples: vá até o índice. As perguntas que o senhor deverá fazer-lhe estão formuladas no índice,

bastando colocar uma interrogação em cada tópico. É aí que começa a conversa entre vocês, que poderá se estender por minutos seguidos com a leitura do capítulo específico e muitos outros. Vá até lá e faça as perguntas.

Cumpri a determinação.

– Excelente! É o começo de uma longa e duradoura amizade. Resumindo: os livros são como pessoas, e como tais devemos tratá-los, e a grande vantagem reside no fato deles estarem, sempre, à nossa disposição para uma boa conversa. Não exigem dia, hora e local para isso. Outra coisa: não existem livros ruins, existem livros “chatos”, repetitivos e antipáticos, iguais algumas pessoas, mas todos têm algo a nos dizer se estivermos dispostos a ouvi-los (lê-los), entendeu?

– Sim, entendi!

– Isso é muito bom. Então, como o senhor já matou a sua curiosidade e aprendeu a ler – presumo – tenha um bom dia e não volte mais aqui sem a minha autorização expressa, permissão que, naturalmente, não irei lhe dar. Fui claro?

– Sim, senhor! Muito obrigado, professor! Com a sua licença! – e *azulei* meio contente e meio sem graça em razão daquele encontro inesperado.

Nunca esqueci aquele momento, sempre dele me recordo quando tenho um livro nas mãos, e bem rememorando, as duas últimas aulas daquele dia inauguraram nossos estudos em sala sobre o Império Romano, sob a enérgica batuta do professor Frei Valfrido que me ensinou a ler.

Era uma manhã chuvosa e um tanto fria de quinta-feira, como a de hoje.
